

A presença de Vergílio na obra de Tomás Antônio Gonzaga

Marcelo J. Fernandes

1. Introdução

É usual, mormente nos compêndios de literatura e livros didáticos orientados para o Ensino Médio, a correlação entre o poeta latino Horácio (Quintus Horacius Flaccus) e os preceitos do Neoclassicismo no Brasil.

O bucolismo, a afeição pelo campo, a proposição horaciana *fugere urbem*, vestidos como luva nos textos árcades, notadamente em Tomás Antônio Gonzaga, configuram, aparentemente, um estreitamento temático e estilístico com o autor da Epístola aos irmãos Pisões. Entretanto, apesar de alguns pontos de contato, verificamos que a influência de Vergílio (Publius Vergilius Maro) sobre o autor de Marília de Dirceu é consideravelmente superior.

Entende-se o Arcadismo brasileiro como um cruzamento natural entre a Ilustração do século XVIII, o Pombalismo lusitano e o nativismo insurgente do grupo de intelectuais mineiro de Vila Rica. Essas três forças consubstanciaram, além do lema da Arcádia Ulissiponense – *INUTILIA TRUNCAT*, totalmente favorável ao fim dos excessos formais do Barroco ibérico (Cf. Luis de Gôngora y Argote), um momento de ajuste estético-ideológico na intelligentsia do país nascente.

Não se pode afirmar, com efeito, que houve Arcadismo em nossas terras, mas Neoclassicismo, num plano geral. É árcade o poeta e ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, bucólico e pastoril como Teócrito e Vergílio, rabiscando as suas líras à jovem Joaquina Dorotéia sob o signo da ambiguidade, acomodando, a um só espaço, os ubíquos Dirceu e Tomás, o guardador de rebanhos e o desembargador.

À mesma época situa-se Cláudio Manoel da Costa, grande amigo de Tomás, advogado, Secretário de Governo e membro da Câmara, o Glauceste Saturno na Arcádia Ultramarina, poeta ainda com traços visivelmente cultistas, barroco um tanto tardio, disposto em uma zona de transição, mestre incomparável nas écloas (*εκλογη,ης*) de inspiração vergiliana, bem como nos epicédios.

Já Alvarenga Peixoto legou-nos uma pequena obra, porém, seguindo orientações de caráter marcadamente iluminista. Preconizou em seus versos a libertação do país, a libertação dos escravos negros, além de enaltecer a administração pombalina e seus feitos, tais como a ascensão e a prosperidade do Reino, o desenvolvimento do comércio, da agricultura, da justiça e a manutenção da paz.

Silva Alvarenga, poeta e professor de Retórica, deixou-nos uma notável obra lírica, sendo *Glaura* a sua principal contribuição. Segundo Fábio Lucas,

“o espírito de seus trabalhos oscila entre valores místicos ou reflexos da cultura grega e valores da razão, a serviço da representação da natureza. Portador de formação filosófica, impregnou-se do espírito da época, das lições do Iluminismo oriundo de autores italianos, franceses e ingleses (...)”¹

O uso dos rondós – forma poética fixa com estribilho que remonta ao século XIII – por Silva Alvarenga lhe concede um forte apelo popular, situando sua obra em uma esfera já pré-romântica.

Assim, à guisa de intróito, poderíamos afirmar que o termo Arcadismo aplica-se bem à poética “pessoal” de Tomás Antônio Gonzaga, dentro do genérico quadro neoclássico do século XVIII no Brasil. Não é outro, senão o nosso Dirceu, o lídimo representante da poesia idílica e bucólica, segundo os cânones de Teócrito e Vergílio.

2. Questões formais

Tem-se que Tomás Antônio Gonzaga seguiu o preceito horaciano “fugere urbem”, em busca de sua ataraxia (αταραξία) pessoal e conjugal junto a Marília. Entretanto, vários pontos são divergentes entre os dois, quais sejam:

- a) Habitava, de fato, Horácio o campo, em sua quinta, nos montes Sabinos, dedicando-se única e exclusivamente ao fazer literário. Ali, onde vivia e saboreava seu “otium cum dignitate”, era seu “locus”, e, sobretudo “amoenus”. Gonzaga, magistrado, ouvidor nomeado para Vila Rica, “gentilhomme” urbano, residente no coração da cidade, abusará do “fingimento poético” árcade para situar-se campestre e pastoril. Observemos as seguintes passagens de ambos, opondo veracidade X fantasia, ou seja, Horácio X Gonzaga (X Dirceu?)

As delícias do campo

¹ LUCAS, Fábio. Poetas de Vila Rica. In: _____ Revista Nossa América. São Paulo: Orion, s/d, n. 40, p. 13.

Um espaço de campo, não tão vasto
 Com seu vergel, perene e pura fonte
 Junto da casa um pequenino bosque...
 Eis o que anhelei sempre – O céu
 benigno]
 De sobejo me ouviu – Bem! – doravante,
 Filho de Maia, pedir-te-ei somente
 Que destes bens na posse me conserve
 Enfim discorre o cortesão: - amigo,
 Como podes viver tão triste vida
 Na encosta deste alcantilado monte?

Por que não trocas a cidade, os homens,
 Por esta soledade, e horridas brenhas?
 Meus conselhos abraça: vem comigo,
 Tudo o que vive sobre a terra, tudo
 Perecedor espírito sorteia:
 Grande, pequeno, ao Letes nada escapa!
 Portanto, meu querido, enquanto podes,
 Dá-te ao prazer e afortunado vive:
 E olha, que a vida é um fugitivo sonho!
 (Sátira Sexta,
 Livro Segundo – As delícias do campo)

Lira V

Acaso são estes
 Os sítios formosos.
 Aonde passava
 Os anos gostosos?
 São estes os prados,
 Aonde brincava,
 Enquanto passava
 O gordo rebanho,
 Que Alceu me deixou?
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?

Espera, que eu vou.
 Daquele penhasco
 Um rio caía;
 Ao som do sussurro
 Que vezes dormia!
 Agora não cobrem
 Espumas nevadas
 As pedras quebradas;
 Parece que o rio
 O curso voltou
 São estes os sítios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marília, tu chamas?
 Espera, que eu vou.

No par de opostos a seguir, Horácio, em sua Epístola Décima – A Arístio Fusco, elogia a vida no campo, como mais conforme à natureza, e mais favorável à Liberdade, em franco tom epicurista, revela as delícias da vida campestre “in situ”. Gonzaga, por sua vez, idealiza seu “locus amoenus” inatingível, da sacada de seu quarto, sito à rua Direita, em Vila Rica.

Epístola Décima – A Arístio Fusco

Da cidade amator, a Aristio Fusco
 Eu do campo amator saúde envio
 Quase gêmeos no ânimo fraterno,
 Somente nisto divergentes somos.
 O que um refuta, o outro pronto o nega;
 Concordes anuimos; velhos pombos
 Bem conhecidos, tu guardas teu ninho,
 E eu dos amenos campos louvo o arroio,
 O bosque, e as fragas, que revestem o musgo.
 Nem te espantes; que eu só domino e vivo,
 Depois que abandonei o que aprecias,
 O que aos astros, com tanto aplauso, exaltas.
 (...)
 sabes sítio melhor que um lindo campo?
 Onde é mais doce e temperado o inverno?
 (...)
 (Epístola X, I)

Lira XIX

Enquanto pasta alegre o manso gado,
 Minha bela Marília, nos sentemos
 À sombra deste cedro levantado.
 Um pouco meditemos
 Na regular beleza,
 Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sábia natureza.
 (...)
 Que prazer não terão os pais ao verem
 Com as mães um dos filhos abraçados;
 Jogar outros luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados!
 Que estado de ventura!
 Que até naquilo, que de peso serve,
 Inspira Amor, doçura.

(Lira XIX, I)

- b) A produção de Horácio, pouco afeita à temática amorosa e marcada pelo racionalismo do artista sobre a obra, coaduna-se perfeitamente com o primado da ratio da Ilustração. Tal “casamento” clássico seria muito bem aproveitado na obra de nosso Dirceu, não fosse o poeta “pré-romanticamente” apaixonado por sua Joaquina Dorotéia Seixas, e, assim, ter permitido o emocional driblar e sobrepujar o racional, sem qualquer resistência, digamos, estética, como podemos verificar nas passagens seguintes:

Lira IV

Marília, teus olhos
São réus, e culpados,
Que sofra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.

Marília, escuta
Um triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,

A língua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a cor.

Ando já com o juízo,
Marília, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Meto de novo o arado.

Aqui no centeio pego,
Noutra parte em vão o sego:
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coisa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão os efeitos de Amor?

(Lira XXI, I)

Marília, escuta
Um triste Pastor.

(Lira IV, I)

O desequilíbrio da paixão sentida por Gonzaga parece-nos pouco horaciano. Entretanto, se poucos forem os exemplos dados, lembramos que o tema do amor é pouco ocorrente na obra de Horácio (em apenas 20 das 104 odes), enquanto o nosso árcade, por sua vez, compõe toda uma obra lírica, Marília de Dirceu.

- c) Dentre as denominadas odes de caráter panegírico, o venusino compôs, vez e outra, versos em gratidão a Mecenas e a outros protetores. Particularmente em Gonzaga a poesia dita encomiástica não frutificou, tendo ocorrido, no entanto, entre seus coetâneos Basílio da Gama

(v. O Uruguai) e Alvarenga Peixoto (v. Ode ao Marquês de Pombal). Registre-se, ainda, seu uso ocasional em Gregório de Matos, no Barroco anterior.

- d) A “célebre” questão do “carpe diem”, baluarte do Barroco ibérico e, em especial, do cultista espanhol Luis de Gôngora y Argote e com ecos naturais em Gregório de Matos, ocorre, a nosso ver, em caráter isolado e especial em Tomás Antônio Gonzaga.

O “carpe diem” (aforismo horaciano – “colhe o dia”, ou menos literalmente, “aproveita o dia que passa”) não é ocorrente em nosso Neoclassicismo como um todo. é raro e elíptico nas éclogas de Cláudio Manoel da Costa, na escassa produção de Alvarenga Peixoto e praticamente nulo nos rondós e madrigais de Silva Alvarenga, pré-romântico já distanciado de tal recurso estilístico.

Apesar de constar nos manuais de literatura brasileira para o Ensino Médio como “característica” do Arcadismo, o carpe diem parece-nos circunstancial à Marília de Dirceu. Observemos algumas passagens, inicialmente de Horácio, e em seguida, de Gonzaga:

A Leucônoe

Não procures investigar (é proibido sabê-lo) qual
o

Fim, Leucônoe,

Que os deuses nos destinam. Não tentes os
números

Babilônios,

A fim de que melhor possamos suportar

Tudo quanto nos acontecer. Quer Júpiter nos
conceda

Muitos invernos, quer seja este o derradeiro,

Que, neste momento, açoita o Tirreno com ondas
Entrechocadas;

Sejas sábia, purifica o vinho e colhe uma longa
esperança

Num breve espaço de tempo. Enquanto falamos,
foge

O tempo invejoso. Aproveita o momento presente,
não Creias no amanhã.

(Od. I, 11, trad. Junito Brandão)

Minha bela Marília, tudo passa;

A sorte deste mundo é mal segura;

Se vem depois dos males a ventura,

Vem depois dos prazeres a desgraça.

(...)

Com os anos, Marília, o gosto falta,

E se entorpece o corpo já cansado;

triste o velho cordeiro está deitado,

e o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
 É dote, que só goza a mocidade:
 Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
 Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
 Que vão passando os florescentes dias?

Lira XVIII

Não vês aquele velho respeitável
 Que à muleta encostado
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?
 Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo!
 O tempo arrebatado,
 Que o mesmo bronze gasta.

(...)

Assim também serei, minha Marília,
 Daqui a poucos anos;
 Que o impio tempo para todos corre.
 Os dentes cairão, e os meus cabelos,
 Ah! sentirei os danos,
 Que evita só quem morre.

(...)

(Lira XVIII, I)

Lira IV

Já, já me vai, Marília, branquejando
 Louro cabelo, que circula a testa;
 Este mesmo, que alveja, vai caindo
 E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
 E vão-se sobre os ossos enrugando,
 Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
 Tudo se vai mudando.

As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
 E pode enfim mudar-se a nossa estrela.

Ah! Não, minha Marília,
 Aproveite-se o tempo, antes que faça
 O estrago de roubar ao corpo as forças
 E ao semblante a graça.

(Lira XIV, I)

Se quero levantar-me, as costas vergam;
 As forças dos meus membros já se gastam,
 Vou a dar ela casa uns curtos passos,
 Pesam-me os pés, e arrastam.

Se algum dia me vires destas sorte,
 Vê que assim me não pôs a mão dos anos:
 Os trabalhos, Marília, os sentimentos,
 Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
 A minha mocidade o doce gosto;
 Verás burnir-se a pele, o corpo encher-
 se, Voltar a cor ao rosto.

No calmoso Verão as plantas secam;
 Na Primavera, que os mortais
 encanta, Apenas cai do Céu o fresco
 orvalho, Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece; Mas
 logo que a doença faz seu termo,

Torna, Marília, a ser quem era dantes,
 O definhado enfermo.

Supõe-me qual doente, ou mal a planta,
 No meio da desgraça, que me altera;
 Eu também te suponho qual saúde,
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
 Aos mesmos Astros luz, e vida às flores,
 Que efeitos não farão, em quem por eles
 Sempre morreu de amores?

(Lira IV, II)

Lira XVII

Vê quanto pode
 Teu belo rosto;
 E de gozá-lo
 O vivo gosto!
 Que, submergido
 Em um tormento
 Quase infernal,
 Porqu'inda espero,
 Resisto ao mal.

(Lira XVII, II)

Parece-nos, em face à Lira IV, sobretudo, composta já nas masmorras da Ilha das Cobras, entre 1789 e 1793, que o “carpe diem” em Tomás Antônio Gonzaga não se dirige a Marília, como deveria ser, porém a si próprio, lamentando o fato de não poder “colher o dia” ou “aproveitar o tempo” de sua própria mocidade “terminal”.

Os elementos biográficos do poeta não devem, via de regra, ser levados em consideração numa análise literária desse molde. No entanto, aqui, ao tomarmos conhecimento de sua vida, desvelamos a quase totalidade das suas alegorias pastoris, sob a persona de Dirceu.

Vaidoso, egocêntrico – segundo Antonio Candido, sua obra-prima deveria chamar-se Dirceu de Marília, visto que sua musa figura como um reles vocativo - e de bela estampa,

contava Gonzaga com mais de quarenta anos de idade ao apaixonar-se por Joaquina Dorotéia, então em seus tenros dezessete anos.

Há, sem dúvida, nos excertos das líras apresentadas, um imenso afã do poeta em usar o seu tempo ao lado da noiva, entendendo e fazendo entender que, para ele, as horas passariam mais implacavelmente, dada a grande diferença de idade entre os dois.

Os entraves e obstáculos ao enlace dos dois, tais como a anunciada transferência para a comarca da Bahia, os sucessivos adiamentos dessa mudança, o pedido de licença especial para casar-se (solicitado à Rainha, em caráter especial e indeferido) e finalmente a denúncia e o seu encarceramento e dos companheiros inconfidentes concorreram, com efeito, para deflagrar ou catalisar o seu desejo de “colher o dia”, individualizando, a nosso ver, o *carpe diem* dentro do Arcadismo no Brasil.

- e) Por fim, citando o professor Junito Brandão, “Horácio soube criar, porque acreditava na força criadora de sua poesia, uma filosofia de vida despojada de todo individualismo, por isso universalmente compreendida (...)”²

Bem, não há, aparentemente, na obra de Tomás Antônio Gonzaga uma preocupação formal com seu “fazer poético”. Sua *poiésis*, na lírica, não é filosófica ou mesmo ideológica, mas parece-nos, sobretudo, atender/servir as suas necessidades pessoais.

3. A questão vergiliana

Após listarmos uma série de divergências entre Horácio e Gonzaga, vamos tentar estabelecer uma ligação de fato entre o nosso Dirceu e o célebre autor da Eneida.

Segundo Alberto Faria, a Lira LIII, na edição de Rodrigues Lapa, é baseada na Écloga II de Vergílio, onde o pastor Coridon procura seduzir o belo Alexis, alegando a própria aparência e oferecendo bens e presentes³. O tema é central em Gonzaga; já o havia visitado em

² BRANDÃO, Junito de Souza. In: _____ Apontamentos de caderno de aula.

³ FARIA, Alberto. Marília de Dirceu; seleção de líras autênticas. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922. p.119.

uma lira anterior (XI) e posteriormente, encontrando-se preso e destituído de cargo e bens, recorre ao mesmo modelo e mote na Lira LXXVII.

Com referência à primeira lira a tratar do tema, diz-nos Rodrigues Lapa:

“É o esboço de uma composição mais perfeita e volumosa que havia de dedicar um dia a Marília. Veja-se a número LIII. O chistoso do caso é que a poesia foi dedicada primeiramente a uma Nise. Não sabemos se já teria sido composta no Brasil; inclinamo-nos a crer que o fosse, quando já estava nomeado ouvidor, isto é, desde 27 de fevereiro de 1782. Só assim terão sentido os dizeres da 2^a estrofe: ‘deu-me a sorte com que honrado viva’, e sobretudo aquele ‘povos mando’, que parece referir-se a seu elevado cargo de ouvidor. Os primeiros dois versos da 4^a estrofe parecem denunciar o clima especial de Minas Gerais, as fortunas adquiridas na busca do ouro e dos diamantes, enfim, a surpresa do poeta ao entrar naquele ambiente de afã industrial e comercialista. Deve ser, portanto, das suas primeiras composições brasileiras.”⁴

Lira XI

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
que viva de guardar alheio gado;
nem sou pastor grosseiro,
dos frios gelos e do sol queimado,
que veste as pardas lãs do seu cordeiro.

Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;
mas deu-me a sorte com que honrado viva.
Não cinjo coroa d’ouro;
mas povos mando, e na testa altiva
verdeja a coroa do sagrado louro.

Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

Maldito seja aquele, que só trata de
contar, escondido, a vil riqueza,
que, cego, se arrebatava
em buscar nos avós a vã nobreza,
com que aos mais homens, seus iguais, abata.
Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

As fortunas, que em torno de mim vejo,
por falsos bens, que enganam, não reputo;
mas antes mais desejo:
não para me voltar soberbo em bruto, por
ver-me grande, quando a mão te beijo.
Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

Pela ninfa, que jaz vertida em louro,
o grande deus Apolo não delira?

⁴ LAPA, M. Rodrigues. In: _____ Obras Completas de Tomás Antonio Gonzaga. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1942, p. 160

Jove, mudado em touro
e já mudado em velha não suspira?
seguir aos deuses nunca foi desdouro.

Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

Pretendam Anibais honrar a História,
e cinjam com a mão, de sangue cheia,
os louros da vitória;
eu revolvo os teus dons na minha idéia:
só dons que vêm do céu são minha glória.

Graças, ó Nise bela,
graças à minha estrela!

Lira LIII

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d' expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto; Dá-
me vinho, legume, fruta, azeite; Das
brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me
visto. Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Com tal destreza toco a sanfonia, Que
inveja até me tem o próprio Alceste: Ao
som dela concerto a voz celeste; Nem
canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura, Só
apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura, Que
queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono De
um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;

Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora, Sem
deixar uma rês, o nédio gado. Já
destes bens, Marília, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dê um
riso. Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,

Sustentada, Marília, no meu braço; Ali
descansarei a quente sesta, Dormindo
um leve sono em teu regaço: Enquanto
a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas, Nos
troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte De
consumir os dois a mesma terra. Na
campa, rodeada de ciprestes, Lerão
estas palavras os Pastores:

“Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes.”

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Vejam, agora, para termos de comparação, excertos da *Écloga II*, de Vergílio, em nossa tradução livre:

Écloga II

Alexis

O pastor Coridon ardia de amor pelo belo Alexis, orgulho de seu dono e não tinha êxito em conquistá-lo. Frequentemente buscava a sombra de árvores frondosas e ali, solitário, com inútil afã, confiava aos montes e selvas seus lamúrios: “Oh, cruel Alexis, não se importa com meus cantos? Não tens pena de mim? Assim me deixas morrer? É esta hora que o gado busca a sombra e o frescor, em que os verdes lagartos se escondem sob a espinheira, (...) e eu, todavia, vou buscando seus rastros entre os arbustos, sob um sol abrasador (...) não seria melhor para mim suportar a ira e o desdém de Amarílis? (...)tu me desprezas, Alexis, e sequer pergunta quem eu seja, quão rico sou em gado, quanto abunda o branco leite em meu rebanho. Minhas mil ovelhas vagam pelos montes da Sicília ;não me falta leite quer seja no verão ou no rigor do frio (...). não sou, tampouco, feio; há pouco me vi na praia, estando o mar bastante sossegado, e se não mentem as águas, não temo competir com Dafne. Venha somente habitar comigo estes campos, para ti desagradáveis, estas humildes choças, para ferir os cervos e guiar um fato de cabritinhos com uma varinha de hibisco! Cantando comigo na mata imitarás o deus Pã, que nos ensinou, primeiro, a juntar, com cera, vários juncos. Pã protege o gado (...) Não tenha medo de ferir o lábio nos juncos (...) tenho uma flauta de sete juncos de tamanhos diferentes, antigo presente de Dametas(...) tenho também dois cabritinhos manchados com pintas brancas, os quais encontrei num vale; todo dia ordenham leite de duas ovelhas, e o guardo para você; (...) Vem, oh belo rapaz! Verás como as ninfas te trazem cálices cheios de açucenas; (...) veja, os bois voltam do trabalho pendentes do jugo dos arados, e o sol, se pondo, dobra as sombras, a cada momento maiores; eu, todavia, ardo de amor; para este mal, que fim há? Ah, Coridon, Coridon, que loucura tomou conta de ti? (...).

Observamos, em linhas gerais - em que pese a pobre tradução nossa - que o processo de sedução de Coridon e Dirceu é o mesmo: a listagem de bens e riquezas, e como não poderia deixar de ser, em se tratando de Gonzaga, a beleza física.

Para estabelecermos os traços coincidentes, enquanto Vergílio rodeia os bens materiais de Coridon, Gonzaga, na 1^a estrofe, declara possuir próprio “casal” (propriedade rural) onde abundam produtos vários, e sobretudo o branco leite, reiterado por Vergílio em sua Écloga. Também lá e cá estão as ovelhinhas; o número não é precisado por Gonzaga, porém é o suficiente para “cobrir monte e Prado”, quantidade que deve aproximar-se do milheiro referido pelo romano.

Quanto à beleza física, Coridon e Dirceu miram-se nas águas: o primeiro na praia, e o segundo, numa fonte; ambos julgam-se de boa estampa.

Quanto aos dotes musicais, Dirceu revela destreza na “sanfoninha”, provocando o próprio Alceste; Coridon possui uma flauta de sete foles, presente de Dametas, disposta de tal modo como foi ensinado por Pã.

Vejamos agora a Lira LXXVII, a última desta “trilogia”:

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande
Trono. Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuízo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto

De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta.
Julgou o justo Céu, que não convinha
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces Te
juro renascer um homem novo; Romper a
nuvem, que os meus olhos cerra, Amar no
Céu a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos

Senhores outra vez de um bom rebanho.
Para o contágio lhe não dar, sobeja Que
as afague Marília, ou só que as veja.

Senão tivermos lãs, e peles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As peles dos cordeiros mal curtidas,
E os panos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mão cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta Com
canas, e com cestos os peixinhos: Nós
iremos caçar nas manhãs frias Com a
vara envisgada os passarinhos.

Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;
Entre as falsas histórias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira.
Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;
Dizendo uns para os outros: “Olha os nosso
“Exemplos da desgraça, e são amores”.
Contentes viveremos desta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

A Lira LXXVII foi, sem dúvida alguma, composta por Gonzaga na prisão, uma vez que vários elementos aludem a um status perdido, a destituições de toda ordem. O pastor desta lira, distante da soberba exposta na composição anterior, admite, em face a tantas subtrações, uma horaciana aurea mediocritas.

Impõe-se uma leitura seqüencial das três liras para que se perceba a singularidade da tragédia existencial do poeta e, sobretudo, a riqueza de seu convencionalismo árcade, muito além dos clichês bucólicos, atingindo elevado grau de expressão.

4. Considerações finais

Podemos afirmar que a Écloga II, de Vergílio, funciona como eixo-base à obra Marília de Dirceu. Aí reúnem-se todos os elementos que apresentam, alegoricamente, o pastor Dirceu, o que tem a oferecer, quem é e quais as suas intenções com a sua musa. Não queremos sugerir, assim, que a obra-prima de Gonzaga reduz-se a uma paráfrase de Vergílio; apenas sustentamos que a Lira LIII, baseada na Écloga II, é o cartão de visitas

(ou carta de intenções ?) do pastor Dirceu, abrindo e cerrando (na Lira LXXVII) seu percurso lírico, com grande originalidade e mestria, pontilhando um eu-poético extremamente complexo,

encobrimo e descobrimo o poeta Tomás, membro da ouvidoria destituído do governo, impedido de amar, prisioneiro e exilado.

Há, sobretudo, nesta trilogia vergiliana, um hábil jogo dialético mesclando espaço (campo – Vila Rica – prisão) e tempo (presente – passado – futuro), conferindo, assim, e transcendendo a lírica., um esboço épico.

As conclusões acerca das análises das “questões horacianas” com relação à obra lírica de Gonzaga foram colocadas ainda no item 2, assim como quanto à individualização do *carpe diem* .

5. Bibliografia

CANDIDO, Antonio e CASTELO, J. Aderaldo. Das origens ao Romantismo. Rio de Janeiro: Difel, 1977, 8^a ed.

GONZAGA, Tomás Antonio Gonzaga. Obras Completas. Edição crítica de Rodrigues Lapa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

HORÁCIO (Quintus Horacius Flaccus) Satyras e Epistolas. Traduzidas e anotadas por Antonio Luiz de Seabra. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro) Bucólicas. Edición anotada por Mariluz Ruiz de Loizaga y Victor J. Herrero. Madrid: Gredos, 1968.

----- Églogas – Geórgicas. Buenos Aires: Editora Espasa Calpe.,1941.

RESUME

This work is a survey and an analysis of Vergil (Publius Verilius Maro, 71 – 19 a.C.) influence in neoclassical poetry of Tomás António Gonzaga (1744 – 1810?). The literature textbooks usually underestimates the Aeneid's famous composer and presents Horace (Quintus Horacius Flaccus, 65 - * a.C.) and his “carpe diem” as the great pattern of brazilian Arcadianism. This article offers a revision through thematic and conceptual aspects.

Keywords: Brazilian Arcadianism; Vergil; Neoclassical poetry.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa e uma análise da influência de Vergílio (Publius Vergilius Maro, 71 – 19 a.C.) na poética neoclássica de Tomás Antonio Gonzaga (1744 – 1810?). Os compêndios de literatura normalmente ignoram ou subestimam o autor de A Eneida e apresentam Horácio (Quintus Horacius Flaccus, 65 – 8 a.C.) e seu “carpe diem” como o grande modelo do arcadismo brasileiro. Este artigo propõe uma revisão através de aspectos temáticos e conceituais.

Palavras-chave: Arcadismo Brasileiro; Vergílio; Poética Neoclássica